



# pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



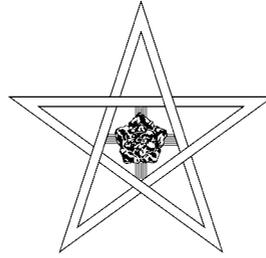
Uma ideia luminosa

Pessoas de hoje

Os sete espíritos na obra de Jacob Boehme

Uma reflexão sobre a mudança radical

JUL/AGO 2012 | NÚMERO 4

**Editor responsável**

A.H. v. d. Brul

**Linha editorial**

P. Huis

**Redatores**

K. Bode, W. v.d. Brul, A. Gerrits,  
H. v. Hooreweeghe, H.P. Knevel, F.  
Spakman, A. Stokman-Griever, G. Uljée

**Redação**

Pentagram  
Maartensdijkseweg 1  
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos  
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

**Edição brasileira**

Pentagrama Publicações  
www.pentagrama.org.br

**Administração, assinaturas e vendas**

Pentagrama Publicações  
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP  
livros@pentagrama.org.br  
assinaturas@pentagrama.org.br  
Assinatura anual: R\$ 80,00  
Número avulso: R\$ 16,00

**Responsável pela Edição Brasileira**

M.V. Mesquita de Sousa

**Coordenação, tradução e revisão**

J.C. de Lima, V.L. Kreher, L.M. Tuacek, U.B. Schmid, N. Soliz,  
J.L.F. Ornelas, L.A. Nepomuceno, M.B.P. Timóteo, A.C.  
Gonzales, M.M.R. Leite, J.A. dos Reis, D. Fonseca, M.D.E. de  
Oliveira, M.R.M. Moraes, M.L.B. da Mota, R.D. Luz, F. Luz

**Diagramação, capa e interior**

D.B. Santos Neves

**Lectorium Rosicrucianum****Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP  
Tel. & FAX: (11) 3208-8682  
www.rosacruzaura.org.br  
info@rosacruzaura.org.br

**Sede em Portugal**

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa  
www.rosacruzlectorium.org  
escola@rosacruzaura.org

© Stichting Rozekruis Pers  
Proibida qualquer reprodução sem  
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

## Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

# pentagrama

ano 34 número 4 2012

Nesta edição a revista **Pentagrama** começa com um artigo de 1929, de um dos fundadores da Rosacruz Áurea. Trazemos uma reflexão fascinante, de um período mais antigo – do século xvii – de Jacob Boehme, sobre os sete espíritos. Uma resenha de livro de Marsílio Ficino, platônico e pensador hermético-cristão, leva-nos de volta ao período da Renascença, no século xiv. E como se essa volta no tempo ainda não fosse suficiente, lançamos uma luz sobre uma comunidade de obreiros da antiguidade egípcia, há 3.500 anos.

Será que entramos por um caminho errado? Ou será que viramos uma revista profissional de História?

Ou queremos, na verdade, demonstrar que o pensamento a respeito da Luz é universal? Será que estamos conseguindo transmitir com intensidade suficiente os bons resultados que o divino, o incognoscível, traz em todas as épocas? Sentimos que a verdade sobre o Outro dentro de cada ser humano é atemporal? Reconhecemos como cada recém-nascido na terra conhece esse anseio, embora também sinta o desespero e o desejo de realizar uma mudança radical, conforme mostram as fotos da pequena série intitulada “Pessoas de hoje”? Inspiremo-nos, e não nos deixemos distrair! Descubramos pensamentos sublimes. Sejamos um ser humano do presente.



**Monge maniqueísta ou budista em um templo de rocha, Kucha, na China.**

**alocução de um dos fundadores da escola espiritual sobre a ressurreição uma ideia luminosa 2**

**z.w. leene**

**os sete espíritos na obra de jacob boehme e na escola espiritual da rosacruz áurea**

**o som da nova realidade 6**

**pessoas de hoje i 13**

**uma reflexão sobre a mudança radical 15**

**pessoas de hoje ii 17**

**somente a luz reflete a luz 18**

**pessoas de hoje iii 23**

**uma metáfora do egito antigo a fraternidade da verdade 24**

**o décimo terceiro 30**

**pessoas de hoje iv 35**

**resenha de livro**

**“o divino platão” como guia 36**

P. 41 (interior da contracapa): Arjuna faz penitência, o que possibilita que as forças divinas se liguem com a terra a fim de elevar todas as criaturas.

# uma ideia luminosa

Z.W. Leene

Neste primeiro de uma série de artigos sobre os princípios do pensamento do Lectorium Rosicrucianum, escritos por seus fundadores, Z.W. Leene (já em 1929!) discorre sobre os dois princípios existentes no homem que parecem contrapor-se de modo tão paradoxal, mas que podem ser conciliados por meio da força libertadora do Cristo latente em nós.

O fato da ressurreição é certamente um dos pontos mais difíceis da doutrina do cristianismo antigo. Se quisermos dedicar-nos a compreender seu sentido esotérico, devemos saber que esse fato não se baseia numa fé em milagres. Ela não é uma espécie de feitiçaria, de milagre que aconteceu um dia, há muito tempo, na história da humanidade. Acreditar em feitiçaria é indigno de uma pessoa positiva, racional, sensível e consciente. A ressurreição deve fundamentar-se sobre a racionalidade. O homem primitivo é uma pobre criatura que acredita em milagres porque ainda não consegue compreender nada nem está em condição de examinar o que quer que seja por si mesmo. O homem racional é um homem maduro, que não somente pode aprender a observar os fatos como também a investigá-los. É por isso que a doutrina da ressurreição se torna necessidade absoluta para ele. Para o homem pensador, o acontecimento em si é apenas a confirmação de um fato que há muito tempo ele conhece. Enquanto o homem primitivo fica parado no acontecimento em si e se torna um escravo, o outro abre caminho para a compreensão e se torna um iluminado. A

doutrina da ressurreição é uma ideia luminosa. Mediante ela, Deus não é apenas o vencedor que, em Cristo, ressuscita da morte. Ela significa, ao mesmo tempo, a vitória da consciência divina sobre a natureza: e essa vitória é simbolizada por Jesus – o “primogênito dos dias”, homem de homem – que ressuscita da morte da natureza por meio da concepção imaculada de Cristo, Deus de Deus. Esse acontecimento é mais do que um truque de magia de Deus! Significa muito mais do que um milagre ocorrido há dois mil anos. Esse acontecimento é racionalidade, é ordem, a ordem mais elevada. O fato histórico não nos contenta – nós, seres humanos que temos de lutar na matéria deste mundo.

Os povos primitivos entendem a ressurreição apenas como a festa da ressurreição da natureza viva. E, na maioria das vezes, eles a festejam com muita alegria e descontração. A morte passou, já não existe morte! Entre os judeus a ressurreição tornou-se uma festa popular. E no Ocidente muitas vezes não é diferente. Porque também aqui, geralmente, as pessoas veem nessa festa de colheita nada mais do que o aspecto renovador da energia borbulhante que desperta



*Z.W. Leene (1892–1938) foi a força impulsionadora da primeira fase da Escola Espiritual. Era uma pessoa predestinada a dar forma a uma grande obra. Na primavera de 1924, imbuído de sua própria vivência cristã e estimulado*

*pelo Professor De Hartog, juntamente com o irmão Jan (J. van Rijckenborgh), ele entrou em contato com o trabalho dos rosa-cruzes na forma estabelecida por Max Heindel, nele encontrando a profundidade e o objetivo que estava*

*procurando há 30 anos! Foi também graças à sua inspiração e força espiritual que, em 1930, Catharose de Petri decidiu unir-se à obra e fortalecê-la. Dessa flamejante energia inicial surgiu então, em 1946, o Lectorium Rosicrucianum.*



## O verdadeiro cristianismo não define a ressurreição simplesmente como “um fato”, mas sim como uma energia

tudo para uma nova vida. A planta reage acelerando a circulação da seiva e o crescimento das folhas, num estágio superior de consciência. Tudo se desenvolve. Ou então, trata-se de um acontecimento solar, e essa festa é o ponto alto, quando todos prestam atenção nos sinais do céu e reconhecem a regularidade do ritmo da criação.

É um tempo de amor, no qual o impulso cósmico dinâmico se introduz na terra e preenche tudo com nova vida. Porém, por mais que seja bonito e verdadeiro, esse fato é e continua sendo apenas uma ressurreição da natureza.

A verdadeira ressurreição espiritual, ao contrário, vai muito, muito além. O alcance da doutrina da ressurreição é consideravelmente maior. Trata-se de uma vitória definitiva e não apenas de um acontecimento que se repete a cada ano. Isso realmente acontece, mas seria uma tensão inimaginável se tivéssemos de ficar presos a esse fluxo vital que se repete incessantemente. Não, a essência da festa da ressurreição é a superação definitiva da morte natural. A morte passa. Porém, a constante necessidade de retornar em uma nova encarnação faz a morte voltar tantas e tantas vezes quanto o ser humano encarnar.

Na festa da ressurreição, não se trata dessa dor que sempre está de volta. Trata-se de vencer a morte definitivamente. Do contrário, por que precisaríamos do cristianismo esotérico? Certamente não seria para falar de carma e de reencarnação, nem mesmo sobre os princípios cósmicos do amor. Afinal, muitas outras religiões já não ensinaram isso? Não, o motivo pelo

qual precisamos do cristianismo não é esse, pois os budistas já sabiam tudo a esse respeito, e, muito antes deles, os brâmanes. O cristianismo entende a ressurreição como uma “energia” – portanto, não apenas como um “fato” – a energia de um processo divino. Trata-se de um processo que nos toca quando Deus nos cria segundo a natureza; que nos toca quando Deus nos recria; que nos toca na ressurreição, quando Deus no homem triunfa sobre a natureza – definitivamente!

Deus, o Criador, é crucificado na natureza humana que, por sua reação errada às leis divinas, pregou-se a si mesma e a Deus na cruz. Cristo leva esse processo adiante à medida que, a todo aquele que quer e pode, é dada a força para elevar-se dessa cruz, para libertar-se.

Quando isso é concluído no próprio ser, logo ressoa o grito de júbilo: *Consumatum est!* – Está consumado! Jesus, o “primogênito dos dias”, homem de homem, recebe o eternamente divino, Deus de Deus. E, por meio dele, começa a luta consigo mesmo segundo a natureza, até que, finalmente, ele torna-se vencedor em Cristo, triunfando por seu intermédio. Ele liberta-se da matéria! Isso significa que conseguiu vencer a natureza. E, quando se liberta da matéria, quando vence a matéria, quando espiritualiza a natureza física do corpo grosseiro, ele mostra suas cinco chagas: os cinco lugares nos quais os corpos sutis superiores estão ligados à personalidade. Esse é um processo que pode ser realizado mediante o discipulado da escola de mistérios ocidental.

Assim como Jesus conseguiu ser o primeiro a alcançar esse estado por meio do Cristo em si, assim também todo aluno da escola de mistérios ocidental poderá consegui-lo por meio do Cristo nele – e isso não mediante uma morte temporal, mas definitiva.

Caros amigos, caras amigas, sabemos o que significa “Cristo em nós”? Com certeza, não se trata do conhecimento de sua doutrina, nem do estudo de leis cósmicas, nem da análise de pontos difíceis na Bíblia, nem de fórmulas convencionais ou esotéricas. Ninguém precisa disso para receber Cristo. O Cristo em nós nos torna diferentes: ele faz irradiarmos bondade, verdade e justiça. Ele transforma-nos em um lutador contra a nossa natureza inferior. Mas não apenas isso: ele faz de nós, dia a dia, um vencedor. Infelizmente, muitos seres humanos buscadores ficam parados em frente à porta e não têm coragem para começar essa luta, mesmo quando já receberam Cristo e o admitiram em seu imo. Porém, sem ele não podemos fazer nada! Mesmo que tivéssemos todo o conhecimento do mundo e dominássemos toda a magia do mundo, isso de nada nos adiantaria, e permaneceríamos presos à terra, com carma e reencarnação. Jamais poderíamos festejar nossa ressurreição.

Sem Cristo, somos como uma cópia de Adão, tal como é relatado no *Gênesis*, cap. 5. Com “Adão” queremos simbolizar a humanidade que despertou para si um filho à sua imagem, ou seja, segundo a natureza. Consultemos esse trecho da Bíblia mais uma vez. Mas quando Cris-

to toma forma em nós, renascemos segundo a sua imagem e nos tornamos vencedores segundo o Espírito. “Adão” é o ser humano decaído na matéria, pregado à cruz material pelo carma e pela reencarnação, e seu “filho”, a “vida de sua vida”, continua sua imagem.

Mas quem recebe Cristo é libertado da natureza e recriado segundo a nova imagem. Isso não significa uma extensão do que é terreno, mas sim uma libertação dele. Essa é a glória da festa da ressurreição! A alma liberta ingressa então na liberdade perfeita – não de vez em quando ou apenas na morte, mas por toda a eternidade. Desligada do carma e das leis da reencarnação, ela estará livre para sempre. Por isso, estará em condição de tornar-se uma servidora, ajudando a todos a carregar sua cruz, até que consigam fazer isso por si mesmos.

Assim, vivenciamos a ressurreição dos mortos não apenas como uma crença em milagres ou como uma arte mágica suprassensível, mas sim como uma necessidade filosófica e científica à qual cada alma chegará um dia – seja qual for o nome que se dê a isso. Sem Cristo, nada disso é possível. Com a ressurreição, são varridas as sombras da morte e superados os limites do nascimento. A ressurreição é fruto de muitas gerações, de muito sofrimento e de muitas, muitas noites de angústia, passadas em claro. Ela é o júbilo de nossa meta inabalável. É a fonte cuja alegria preenche mundos e que conduzirá ao verdadeiro conhecimento gerado pelo Eterno: amplo como o céu e profundo como o mar ☼

# o som da nova realidade

Os sete espíritos na obra de Jacob Boehme  
e na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea

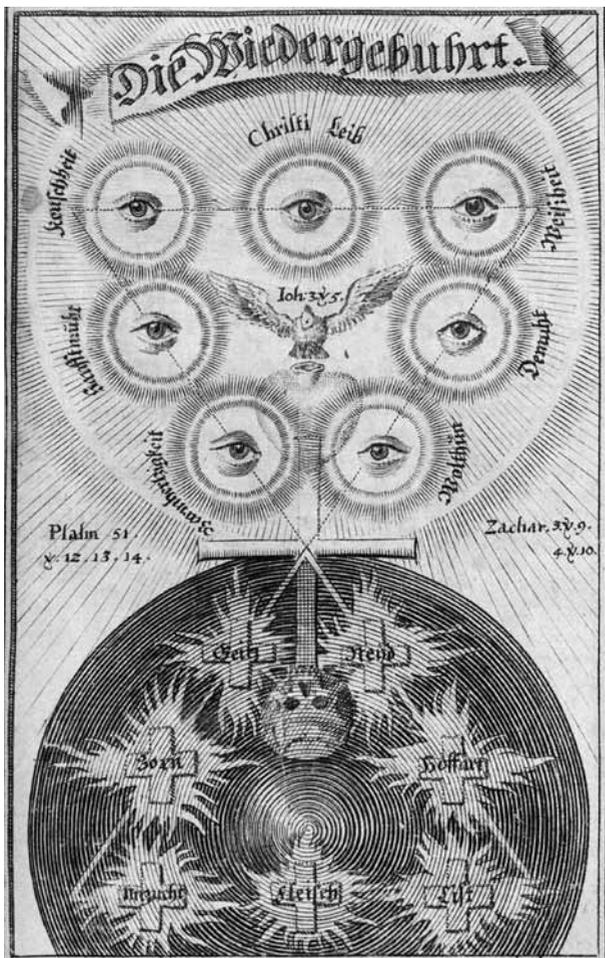
N o livro *Morgenröte im Aufgang* (Aurora nascente), que Jacob Boehme publicou em 1612, e que depois foi denominado simplesmente de *Aurora*, o autor escreve que lhe foi permitido contemplar até “o centro da natureza oculta”. Foi com os “olhos do espírito”, e não com os olhos comuns, que Boehme viu como a força de Deus atua em toda a criação mediante o que ele chamou de “sete espíritos da fonte”. A cada segundo, são esses sete espíritos de Deus que, partindo da fonte única, sustentam a criação, penetram-na com sua radiação e a desenvolvem. A Doutrina Universal também se refere aos sete raios do sol universal que iluminam o universo.

Somente podemos tentar aproximar-nos de tão grande mistério por meio, digamos, da nossa imaginação. Se nos esforçarmos para entendê-lo, recorrendo a todos os meios possíveis, não o conseguiremos. Trata-se muito mais de uma percepção repentina de algo que já existia há muito tempo. Jacob Boehme escreve: “Se quiser saber ou sondar algo, então você deve simplesmente colocar-se diante disso com um profundo anseio de compreendê-lo. Quando o fizer, descobrirá que recebeu duas coisas: compreensão e força: a compreensão que pediu e a força para que possa fazer algo com essa nova compreensão”.

Jacob Boehme ressalta o fato de que um novo discernimento sempre está ligado a uma nova força, principalmente ao descrever o sexto espírito da fonte. De acordo com ele, o sexto espírito da fonte faz que cada ser emita







necessariamente um som. Esse som expressa a somatória de tudo o que vive nesse ser. Nada é retido. Portanto, se há uma nova compreensão, um novo saber, imediatamente ele é seguido por um novo som, uma nova maneira de viver. Para nós é muito importante entender bem o que é o sexto espírito da fonte, que Boehme também denominou de “espírito do som”, porque é nele que reside a chave para o cumprimento de nossa missão na época que se aproxima e que a Escola Espiritual denomina era de Aquário, na qual tudo será julgado pelo seu tom. Nesse contexto, pode-se ler que chegará um tempo em que os seres humanos irão se comunicar sem palavras: seus pensamentos serão transmitidos simplesmente através do tom.

**OS SETE ESPÍRITOS DA FONTE** Mas como atuam os sete espíritos da fonte, os sete raios, e especialmente o sexto, o “espírito do som”? O que pensar sobre isso? Façamos como Jacob Boehme:

simplesmente coloquemo-nos diante disso. O primeiro, o segundo e o terceiro espíritos da fonte constroem cada ser, segundo Boehme. Eles criam a estrutura, a forma e a mobilidade. Entretanto, ainda sem consciência, eles atuam “nas trevas”, conforme suas palavras. Imaginemos uma árvore. O primeiro espírito cria a estrutura, o tronco. Boehme denomina-o “espírito acerbo, azedo ou amargo” que faz que tudo se contraia; é ele que faz “algo” do “nada”. O segundo espírito atua na seiva da árvore e em toda a sua forma. Boehme denomina-o “espírito doce, agradável”. O terceiro tem sua origem no encontro do primeiro com o segundo. Ele faz surgir a multiplicidade e a mobilidade, isto é, o movimento e o farfalhar de mil folhas. Esses três espíritos agem nas trevas. Os seres somente ganham vida graças ao quarto espírito, o espírito do fogo.

Esse exemplo nos mostra que nem todos os espíritos agem em todas as criaturas da mesma maneira. Em uma árvore, como no exemplo, o efeito do quarto espírito não é bem visível aos olhos. Todos os sete espíritos trabalham em cada criatura, mas nem todos são visíveis da mesma maneira nem mesmo concebíveis, porque a sua atividade nesta natureza é de certa maneira solidificada, congelada.

**O HOMEM** Imaginemos um ser humano. O primeiro espírito da fonte – assim o vemos diante de nós – cria nele o esqueleto, a estrutura firme. O segundo espírito da fonte é responsável pelo doce, pelo agradável, pelo que flui, não tanto o sangue, mas sim as torrentes

Compreender, porém, não no sentido de captar com o intelecto, mas procurando “colocar-se diante”, como recomenda Jacob Boehme, para receber discernimento e força, e utilizá-los bem

ocultas, isto é, as correntes de éteres. O segundo cria a forma e o encanto (a amabilidade) no homem. Pela ação do terceiro espírito surge a multiplicidade, a mobilidade, que se manifesta no corpo do ser humano de modo bem diferente do que numa árvore: é mais oculta, muito mais voltada para dentro, como, por exemplo, no incrível número de alvéolos no pulmão, nas linhas e desenhos da pele, nos cabelos ou também nas inúmeras subdivisões do esqueleto que garantem sua (relativa) mobilidade.

O quarto espírito da fonte, o espírito do fogo e da luz, produz vida e consciência. Ele produz o fogo astral da consciência, o fogo serpentino do homem, que arde no canal da medula espinal e culmina no cérebro. O resultado disso é luz, como, por exemplo, a luz dos olhos, na qual se expressa a consciência em sua totalidade. Por meio do fogo do quarto espírito da fonte, a vida entra no ser humano, e ele adquire consciência. No entanto, o modo como ele vive é da alçada do quinto espírito: o espírito do calor. É ele quem determina o modo como o fogo emite calor ou como o homem irradia calor (ou não irradia). O quinto espírito é o espírito do amor, a maneira como um ser humano transforma fogo em calor e calor em amor.

O sexto espírito ou sexto raio tem um significado especial na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Vamos tentar compreender bem esse significado, não no sentido de captar com o intelecto, porém procurando “colocar-se diante”, como recomenda Jacob Boehme, para receber discernimento e força, e utilizá-los bem.

#### CRISTÃO ROSA-CRUZ COMO PROTÓTIPO

Segundo o relato do sonho de Cristão Rosa-Cruz, inúmeras pessoas estão presas num poço escuro em grande aflição e impotência. Movidas pela compaixão, outras pessoas que se encontram em cima, à beira do poço, jogam uma corda, mas quase ninguém consegue agarrá-la e, com sua ajuda, subir. E quando alguém consegue pegar a corda, os outros se agarram a ele e acabam puxando-o de novo para baixo. Finalmente a corda é lançada pela sexta vez.

Cristão Rosa-Cruz é o protótipo do homem ocidental de nossos dias que busca libertação. Ele é o protótipo do ser humano que hoje é aluno da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Cristão Rosa-Cruz sobe numa pedra, o que significa que ele se apoia em todo o seu esforço e no seu trabalho, para o qual deu o melhor de si em conhecimentos e habilidades. Então, graças a uma oscilação milagrosa da corda, “talvez pela vontade de Deus”, diz Cristão Rosa-Cruz, ela chega perto, ele consegue agarrá-la e é puxado para fora do poço.

Somos pessoas com a assinatura de Cristão Rosa-Cruz: queremos que a rosa do ser imortal floresça, mediante a força de Cristo, na cruz de nossa personalidade. A Escola Espiritual é uma escola para os seres humanos que foram alçados do poço pelo sexto raio. Estamos aqui, e nosso lugar é aqui, porque reagimos à atividade do sexto raio desde o mais profundo de nosso ser, porque temos afinidade justamente com esse raio.

Nesse sentido, o microcosmo às vezes é comparado a um sino de bronze ou à estupa budista. O repicar desse sino anuncia pura e claramente nossa missão de vida e nos liga a essa tarefa

O que isso significa? Na Doutrina Universal, o sexto raio é denominado o raio da devoção inabalável. Somente mediante essa devoção se torna possível o sétimo e último passo, a nova atitude de vida, a magia gnóstica, a renovação completa do nosso campo de vida individual e coletivo.

Como dissemos, Jacob Boehme refere-se ao sexto espírito da fonte como o espírito do som. Conforme ele explica, é como se esse espírito ordenasse, agitasse, condensasse e concedesse firmeza a tudo que os espíritos anteriores criaram. Graças à sua ação, a criação emite um som.

Um dos efeitos do sexto espírito é a voz, a fala. Não se trata aqui da produção de palavras com algum sentido, mas sim da fala no sentido de som. É a capacidade de tornar reconhecível o que palpita no mais profundo do ser, sem segredos, sem reservas e também sem nenhuma mediação de algo ou alguém. No prólogo do Evangelho de João, lemos: “No princípio era o Verbo”. Esse é o poder do sexto espírito da fonte! Quando Deus pronunciou essa palavra, ele pronunciou tudo numa só palavra. Então, nada restou para ser dito. Ele não retém nada de si que não tivesse expressado nessa palavra. Com uma única palavra ele exprime todo o seu ser. Esse é o significado da capacidade da fala, do som.

Na Escola Espiritual, o som é também a maneira pela qual os alunos atuam em conjunto. Nós consonamos. Nesse sentido, o micro-

cosmo às vezes é comparado a um sino de bronze ou à estupa budista. O repicar desse sino anuncia pura e claramente nossa missão de vida e nos liga a essa tarefa. Ou então podemos dizer que o sexto espírito da fonte faz que tudo o que está em nós seja irradiado para o exterior, com força e clareza cada vez maiores. Ao mesmo tempo, ele exige que nos voltemos para o interior e reflitamos sobre o que soa e constitui nosso verdadeiro ser interior. Mas o que é o verdadeiro imo do ser humano? Chamamos esse princípio da vida humana, que tudo abarca, de Cristão Rosa-Cruz. Cristão Rosa-Cruz é o símbolo, mas literalmente também a força do microcosmo não corrompido em nós, o símbolo do verdadeiro homem, do sublime.

**O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA ESCOLA** A atuação do sexto espírito da fonte fará que mostremos nosso interior – não há como evitá-lo. Por meio de nossa atitude de vida, sempre mostraremos o que somos e no que acreditamos. O sexto espírito praticamente nos obrigará a buscar, cada vez mais, o núcleo do verdadeiro homem em nós. Isso é válido para cada indivíduo, mas especialmente para este grupo de homens, para o conjunto dos alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Por isso, ao refletirmos sobre a atuação do sexto raio, do sexto espírito da fonte, queremos, ao mesmo tempo, voltar a atenção para o princípio fundamental da Escola da Rosacruz Áurea.

Também indicamos esse princípio com o nome de Cristão Rosa-Cruz. No livro *O chamado da Fraternidade da Rosacruz*, a *Fama Fraternitatis*, lemos como os obreiros a serviço dessa Fraternidade buscaram e encontraram esse princípio fundamental, essa força. A narração começa com a morte de um dos irmãos na *Gallia Narbonensis*. Antes disso, contudo, ele havia escolhido um sucessor, que foi encarregado de fazer modificações no edifício da Fraternidade, a fim de prepará-lo para um novo período. Enquanto esse irmão, um competente arquiteto, realiza tais trabalhos, descobre uma placa de bronze oculta que estava presa à parede por um grande prego. Quando ele retira o prego, a fim de transferir a placa para uma sala mais adequada, cai um grande pedaço da parede, expondo uma porta secreta. Por trás dessa porta, os irmãos encontram Cristão Rosa-Cruz. À primeira vista, trata-se de uma descrição muito simples, mas ela contém toda a missão da Escola Espiritual. Uma análise mais meticulosa revelará que a essência do som, do sexto espírito da fonte, desempenha um papel decisivo nessa missão.

Tudo tem início com a placa comemorativa, isto é, com aquilo que nos indica o caminho. Essa placa é de bronze, e esse metal é uma liga de cobre e estanho. Cobre é o metal de Vênus, isto é, do tipo de amor humano. Nas palavras de Jacob Boehme, esse é o material do quinto espírito da fonte. O cobre transforma-se em bronze quando é mesclado ao estanho, que é o material de Júpiter. Isso significa que o cobre,

o amor humano, com seu calor humano, seu interesse, seu sentimento e sua compaixão, transforma-se num som real, mais alto, ao ser ligado ao estanho, o elemento da alma-espírito. Então ele se torna mais firme, mais claro e começa a soar, conforme descreve Jacob Boehme. O cobre transformou-se em bronze. No entanto, o princípio de Júpiter não surge sem mais nem menos: primeiro é preciso morrer na *Gallia Narbonensis*. Isso significa que o antigo desejo pessoal dissolveu-se no país da prestabilidade. É preciso que ele já tenha desaparecido completamente. O mais misterioso, contudo, é o prego que segura a placa comemorativa. Sobre ela, escreve J. van Rijckenborgh: “Esotericamente, esse ponto também é chamado o sexto prego, ou a sexta corda, corda pela qual Cristão Rosa-Cruz, de acordo com *As núpcias alquímicas*, é içado para fora do poço. Os outros cinco pontos devem ser identificados com as cinco pontas do pentagrama, os cinco pontos do corpo-alma”.

#### A LIBERTAÇÃO DO VEÍCULO ETÉRICO RENOVADO

Utilizemos agora toda a nossa imaginação para entender o que é dito aqui. O princípio de vida oniabarcante do microcosmo, que denominamos Cristão Rosa-Cruz é, naturalmente, uma força. Trata-se de um puro princípio de força. Não é uma coisa, algo, um lugar; não: é força, energia. E pura energia não pode manter-se num corpo material, pois hoje o corpo e a consciência estão muito cristalizados. Ao vivenciarmos nosso discipulado,

forma-se em nós um novo corpo, um verdadeiro corpo-alma. Se um ser humano, então, quiser encontrar Cristão Rosa-Cruz em si mesmo, terá de “achar a placa comemorativa e puxar o sexto prego”. Isso significa que ele deverá libertar o novo corpo-alma, soltá-lo, desprendê-lo da vida biológica natural. Ou, nas palavras de Jacob Boehme, terá de “fazer soar” o corpo-alma na força do sexto espírito da fonte. Esse tom libertador expressará tudo o que deve ser expresso. Como num som, tudo se tornará claro, para todos, em qualquer situação, em qualquer momento. Um sino, porém, não pode repicar quando é segurado. Ele precisa mover-se livremente para tocar, emitir som. Isso está ligado a mais um aspecto especial do nosso trabalho. Trata-se novamente da questão: quem são essas pessoas, os alunos rosa-cruzes?

São pessoas muito diferentes; encontramos na Escola Espiritual todos os tipos humanos possíveis, com os mais diversos caracteres. No entanto, eles têm um valor comum, situado em outro nível, um nível bem mais profundo e interno. Tal valor tem necessariamente de existir, senão não estaríamos juntos nesta Escola, senão não teríamos sido içados do poço justamente pela sexta corda. Esse valor comum é descrito por J. van Rijckenborgh em seus comentários sobre a *Fama Fraternitatis*, no contexto do achado da placa comemorativa: “Temos aqui a oportunidade de mostrar a diferença essencial entre o místico e o gnóstico. Ambos constroem um corpo-alma. Ambos, por seu comportamento, extraem a essência que permite o desenvolvimento dos éteres superiores. Quando o corpo-alma já atingiu sua maturidade plena, ambos possuem uma intuição aguda e estabelece-se uma relação com o mundo do espírito de vida, que é o domínio da força de Cristo [...] Mas, enquanto o místico contenta-se com esse

estado supra-humano, o gnóstico vai mais longe. O porquê dessa diferença não pode ser explicado com precisão, pelo menos por enquanto, apesar de termos a sensação de que o gnóstico dispõe de mais amor ao próximo do que o místico. É bem certo que o gnóstico manifesta um amor ao próximo mais dinâmico do que o amor ao próximo do místico. Enfim, enquanto o místico contenta-se em produzir e espargir a força de amor a serviço das forças dirigentes, o gnóstico, pelo contrário, quer integrar-se com as forças dirigentes, quer reforçar a ordem mágica do serviço, quer orientar conscientemente as chamas de seu amor, a fim de que elas possam ser utilizadas tão eficazmente quanto possível. Algo dentro de seu ser o leva a isso; e para poder fazê-lo, ele deve e quer penetrar o mistério de sua existência, e por isso busca o conhecimento das coisas detrás do véu. Portanto, ele deve perceber conscientemente os domínios invisíveis, a fim de poder descobrir a origem das coisas e trabalhar como um cidadão de dois mundos, a serviço de Deus para o mundo e a humanidade”. Assim, a atuação do sexto espírito da fonte é decisiva para nós aqui e agora. Por isso devemos continuar procurando sempre o único princípio de vida que tudo abarca, Cristão Rosa-Cruz. É motivo de grande alegria que neste momento uma nova geração de jovens queira adentrar o edifício da Fraternidade. Esperamos que as mudanças no prédio produzidas por esse fato impulsionem todos a descobrir a placa comemorativa de bronze, arrancar o prego e entregar-se completamente ao som do corpo-alma que se libertou ✨

# peessoas de hoje



“Imaginais que uma criança nasce dotada de alma original. Quando essa alma se liga ao corpo, ela encontra a ‘maldade’ que é una com a natureza dialética. Agora, trata-se de saber se ao desenvolver-se, ao tornar-se mais velha e tiver de enfrentar a vida, a criança lutará contra essa maldade, que está dentro dela, ou se a aceitará incondicionalmente e se deixará conduzir ao longo das linhas de menor resistência.”

J. van Rijckenborgh,

*A Arquignosis egípcia*, t. 4, cap. 7

Seis dias após o nascimento de Betka Tudu, em Purulia (Bangladesh Ocidental), membros femininos da família e da vizinhança juntam-se para abençoar a criança e protegê-la de más influências. Uma foto de Abhijit Dey, Purulia (Índia). Betka Tudu tem agora cinco anos de idade



# uma reflexão sobre a mudança radical

Um aluno é alguém que busca o caminho que o levará à iluminação e à realização de vida. Então, ele se examina, bem de perto. E se pergunta: para onde está voltado seu anseio: para conquistar cada vez mais conhecimento, ou para entregar-se ao “tudo ou nada”, imprevisto e desconhecido?

Muitas vezes me vejo – talvez exatamente como você – enredado num estado de ocupação mental com a filosofia. Nesses momentos entendo-a como doutrina, e por isso às vezes me pergunto: será que realmente está acontecendo dentro de mim a aspirada revolução interior, essa mudança radical, intransigente, que não vai me poupar de jeito nenhum?

Será mesmo tudo ou nada? Ou na verdade sou como uma criança que suga a força e o conhecimento da filosofia mas não sabe como colocá-la em prática? Será que estou do lado de fora, olhando tudo isso de longe, sem envolver-me? Talvez esteja esquecendo de que há muitas chaves que me foram oferecidas e que elas são muito bonitas e interessantes, mas que são inúteis quando não consigo encontrar as portas interiores para as quais elas estão predestinadas. Então, percebo dentro de mim e de outras pessoas essa característica humana de querer colecionar tudo, de acumular cada vez mais, de guardar – como a conhecida lagarta que acha que nunca está pronta e precisa receber mais, para mais tarde investigar, comparar, analisar e classificar. É assim que nascem os paradoxos! Parece que tudo se contradiz: todo o conhecimento coletado e acumulado; as verdades que se contrapõem umas às outras; todas as diferentes interpretações, expressões e conceitos. De repente, todas essas construções mentais viraram uma selva fechada! No entanto, a lagarta ainda não está satisfeita. Então, percebo o quanto essa característica humana é inútil quando se trata de sair em busca de Deus ou de tornar-se um ser divino.

Porque a força-luz não se deixa colecionar e acumular: ela precisa ser transformada em ações. Às vezes, um símbolo é suficiente para descobrir tudo isso e dissolver todas essas construções mentais. Uma simples metáfora é suficiente para captar um conceito: ela pode tocar diretamente o coração sem ser interceptada pelo intelecto enganador.

A partir desse ponto de vista, a imagem da transformação da lagarta em borboleta me fascina. Percebo que aí está expressa, de uma maneira muito bonita, uma verdade profunda: tudo o que recebemos só tem valor quando é utilizado corretamente. A meta da lagarta é comer a planta onde ela está. Ela não olha em volta, não percebe nem o sol nem o horizonte. Ela não tem tempo para essas bobagens! Ela dirige seu olhar guloso para a luz solar indireta que está dentro da folha. Essa gula me lembra de nossa fome insaciável por conhecimento, verdade e sabedoria. É só pensar em todas aquelas páginas que estão na sua estante! Uma lagarta devora tudo até que dentro dela já não caiba nada. Só então é que começa uma mudança em seu comportamento: ela já não

“A Arte Real não se ensina e não pode ser estudada ou compreendida antecipadamente. Mas, quando entramos no processo da purificação pelo único caminho possível, a verdade começa a brilhar diante de nós. No mesmo momento entendemos interiormente a Arte Real.”  
(A Arquignosis egípcia, t. 4)



Ainda que mil chaves confirmam um conhecimento enorme, interiormente permanecemos os mesmos: é que precisamos de apenas uma, a chave única

come – agora ela entra em atividade e usa tudo o que a alimentou. Então, começa a fiar, tece um casulo ao seu redor, e se recolhe. Depois, longe de todos os olhares que vêm de fora, ela inicia um processo maravilhoso.

Pouca gente entende que dentro daquele casulo acontece um intenso conflito até que uma esplêndida borboleta possa libertar-se, pois antes que um corpo totalmente novo possa ser construído, toda a forma antiga precisa ser desfeita. O sistema imunológico da lagarta resiste violentamente a essa estranha transmutação das células e faz de tudo para impedir esse processo. Somente quando a lagarta desiste dessa batalha sem esperança a transformação das células consegue chegar a um bom fim, sem impedimentos. Da lagarta nada sobra, a não ser um vestígio sem forma.

Resta somente uma célula, que carrega dentro dela o plano de construção da borboleta: uma única célula com base na qual será construído o novo organismo, um corpo completamente novo.

Finalmente compreendi!

E no que diz respeito às folhas: a filosofia fornece as chaves; mas precisamos de apenas uma. Ainda que mil chaves confirmam um conhecimento enorme, como a lagarta que consome milhares de vezes o seu próprio peso em alimento, interiormente permanecemos os mesmos. Para o ser humano, esse acúmulo de conhecimento pode fermentar, ferver, ser perigoso até o ponto de explodir. Mas, para quem encontra a chave única dentro de si mesmo, nada de mau pode acontecer. Então já não existe acúmulo de conhecimento, mas sim assimilação, exatamente como o alimento que só é útil depois de digerido.

Estudar a filosofia exclusivamente como meros consumidores de conhecimento faz o intelecto enredar-se num labirinto de paradoxos. Liberar o conhecimento que está dentro de nós, isso sim, leva a uma mudança radical, a uma revolução interior.

Mas fique sabendo desde já que o eu vai fazer de tudo para impedir o próprio desaparecimento! ✪

# peessoas de hoje



“O átomo do coração, a rosa da libertação, também é um microcosmo primordial compacto que está aprisionado no microcosmo atual. É um ser divino inativo, completamente latente, circundado por um sistema de forças eletromagnéticas que não são divinas.”

J. van Rijckenborgh,

*Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*, cap. 18

“Eu estava envolvido com a questão de como alguém pode sentir-se abatido e deprimido em um mundo repleto de extraordinária beleza. Era isso que eu pretendia representar em uma obra de arte. Na realidade, estamos penosamente isolados entre as paredes do ser e vemos o mundo pelos próprios olhos e não como ele é. Os contornos luminosos na natureza apontam para o mistério da criação, mas a figura tristemente inclinada para frente não percebe isso, de tão encerrada que está em seu espírito e em seus pensamentos.”

*The prison of the self (A prisão do ser)* de Soda Lemondrop, The Workhouse & Art Place

# somente a luz reflete a luz

“O Tao é vazio, e suas radiações e atividades são inesgotáveis. Oh! Quão profundo ele é! Ele é o Pai original de todas as coisas. Ele abrandando sua acuidade, simplifica sua complexidade, modera seu brilho ofuscante e torna-se semelhante à matéria.”

Palavras do *Tao Te King* têm uma linguagem própria, por meio da qual outra realidade penetra imperceptivelmente em nosso mundo. São palavras que conhecemos, que são nossas, porém não correspondem a nosso modo de pensar corriqueiro. Falamos de bom grado sobre uma linguagem dos mistérios e, é disso que se trata: do mistério. Mistério não é apenas a expressão para algo desconhecido, algo que provém de outro campo de vida. Não, o mistério equivale a um espaço que podemos adentrar. O que encontramos nesse espaço só se revela quando nele penetramos. Ouvir a linguagem dos mistérios equivale à experiência que se tem quando numa porta se abre uma fresta. Primeiro, tem-se apenas um vislumbre de um espaço infinito, que, em grande parte, ainda permanece oculto. Assim também podem ser as palavras da sabedoria chinesa:

“O Tao abrandando sua acuidade, simplifica sua complexidade, modera seu brilho ofuscante e torna-se semelhante à matéria...”

O Tao não é a matéria, mas expressa-se na matéria; ele se revela, ao passo que o mistério permanece. Sem esse mistério a existência humana seria insuportável. Sem a possibilidade de sentir a beleza, a eternidade no tempo, o homem estaria perdido. Mas, é por meio do assombro do coração que o divino pode ser encontrado.

Consideremos o homem: cegamente ele devasta e se apropria de tudo sobre o que acredita ter direito. Nada é mais destrutivo

do que o homem ao tratar, em sua cegueira, outros seres vivos apenas como objetos, ao tornar-se ele mesmo seu próprio objeto, ao praticar ações cujas consequências ele não leva em conta, ao aniquilar o mistério da existência. Como podem viver as pessoas se não houver o mistério que propicia consolo, coragem e esperança? Mesmo que nem sempre possamos pressenti-lo, ele nos envolve também no mundo visível.

Vejam o homem, o indivíduo: abandonado por tudo e por todos, ele se inclina sobre uma cerca e olha ao longo do caminho que leva para longe. Tudo a seu redor parece despedaçado. Subitamente ele percebe a coerência com o que se passa na natureza: tarde, noite, dia seguinte; como se, a cada dia, o velho mundo terminasse submergindo na noite, e, em seguida, com o nascer do sol, surgisse um novo mundo. Então, na alvorada, da triste matéria da qual ele foi feito surge outra vez o dia maravilhoso...

Depois de termos ficado muitas vezes “em cima do muro”, pode, finalmente, romper o dia em que nós mesmos gostaríamos de submergir “no outro”. Uma parte de nosso antigo eu é substituída pelo novo eu. Conseguimos perceber seu brilho e penetrar no seu espaço. Para um homem como esse o Tao já não está vazio. O campo de vibração do Tao, da Gnosis, ou o campo da Fraternidade do Santo Graal, ultrapassa de longe em refinamento, velocidade e possibilidades o campo de vida comum. Para o homem nascido da natureza ele permanece



## Assim como “luz” é “escuridão” quando não existe objeto no qual ela possa refletir-se, assim também consciência é inconsciência quando não consegue perceber nenhuma experiência

invisível, não é possível apreendê-lo com o intelecto, ele está vazio, por assim dizer. Essa vibração revela-se ao sublime princípio no coração, à rosa, e abre a porta para o espaço do mistério. Suas radiações e efeitos são inesgotáveis para cada um de nós, pois elas “abrandam a acuidade”; dito de modo mais simples, elas não têm brilho ofuscante, mas uma luz que pode ligar-se ao homem.

No pensamento ocidental também encontramos, com outras palavras, a mesma noção. Marsílio Ficino, em suas conhecidas cartas, escreveu sobre isso com um sentido mais claro. Ele disse: “Ninguém se eleva a Deus antes que Deus mesmo, em certa medida, tenha descido até ele”.

Inspirado pela sabedoria hermética e por outras fontes, Ficino empregou esse axioma em suas cartas e textos como meio de transmitir seus pensamentos. Assim escreve ele: “Não é que eu tenha me elevado, mas fui conduzido ao céu. Os elementos pesados da terra não chegam às esferas mais altas, eles são erguidos. Os habitantes da terra não escalam os degraus para o céu, o Pai celeste os faz subir”.

Subir ou ser elevado para a luz só é possível quando a própria luz se inclinou até nós. Quando decolamos num avião, olhando pela janela, vemos que tudo o que nos é familiar desaparece nas profundezas. A humanidade inteira, com todo seu estresse, desaparece debaixo de uma branca cobertura de nuvens. O mundo fica silencioso abaixo das nuvens iluminadas pelo sol. Se nos imaginarmos

subindo cada vez mais, chegaremos às esferas mais distantes nas quais a gravidade lentamente deixa de existir e a escuridão do universo infinito aparece. Quem sabe lá, na escuridão, ressoa – inaudível – a sinfonia das estrelas e dos planetas em suas órbitas. Trevas que se estendem sem fim! Para conseguir perceber a luz é preciso que ela seja refletida. “A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam”. Assim o homem está em meio a uma realidade radiante, mas ele não a reconhece. Vê apenas a “escuridão que cega”. Assim como “luz” é “escuridão” quando não existe objeto no qual ela possa refletir-se, assim também consciência é inconsciência quando não consegue perceber nenhuma experiência. A consciência de Deus também se torna uma escuridão que cega. Ela só reluz como consciência iluminadora quando ela própria consegue iluminar e experimentar algo. Quem deseja elevar-se obviamente vai separar-se das imagens inferiores que reflete em si e a seu redor e tornar-se silencioso como se tivesse deixado tudo para trás. Tudo abaixo dele se torna pequeno e sem importância. Apenas o anseio permanece com ele. É nesse anseio que aquilo que o atrai para o alto pode refletir-se. Hermes diz: “Apenas a consciência anímica vê o invisível porque ela própria é invisível”. Porque: “É possível para ti ver tua consciência anímica, tomá-la nas mãos e contemplar admirado a imagem de Deus? Então, se até mesmo isso é invisível para ti, como pode Deus, ele mesmo, ser visível para teus olhos físicos?”

## II

O caminho para a libertação, para o alto, estende-se do nascimento natural até o nascimento anímico. Outrora, nos primórdios, quando a alma ainda estava no mundo do estado anímico vivente, era o Espírito que se expressava no corpo por meio da alma. Se não desejar continuar na “escuridão que cega”, a alma que já despertou no homem precisa agora desenvolver um novo veículo, revestir-se de um novo manto. Se conseguir tornar realidade esse manto, esse recurso, como reflexo da consciência de Deus, ela estará novamente em condição de refletir o Espírito. A alma pode expressar-se assim que tiver encontrado seu Pimandro, no espaço em que são absorvidos pela nova vida. O coração corresponde à alma. Quando a alma pode expressar-se no coração, essa consciência poderá refletir-se no santuário da cabeça, o trono do Espírito.

Isso é o renascimento; não o da alma, mas o que deve ser realizado por meio da própria alma. É um processo de conversão, um processo em que a alma se desprende do mundo da matéria; é aprender a observar as coisas de outro modo, de outra perspectiva, é outra realidade do ser. Chamemo-la de consciência anímica ou consciência superior. A respeito desse estado prodigioso, Ficino, em suas cartas, apresenta Deus falando com a alma: “Por que estás tão deprimida, minha triste alma? Eu, teu Pai, estou sempre contigo...”

A alma: “O que não posso ver sob a inspiração de meu Pai! Mas, neste momento, realmente não percebo como isso pode ser possível. Porque alguém que só existe fora de mim não pode ser meu Pai supremo. Apesar disso ele é, acredito eu, o criador do universo, e estou em seu interior como sua filha. Por isso alguém que só está em meu interior também não pode ser meu ser supremo. Se ele é maior que eu e está em mim, sem dúvida também é menor que

eu. Não compreendo como algo pode existir ao mesmo tempo dentro e fora de mim. O que me impressiona muito, estrangeiro – ou quem quer que sejas – é que, sem meu Pai, eu não quero viver, mas, ao mesmo tempo, tenho dúvidas de que venha a encontrá-lo”. Deus responde: “Minha filha, vê teu pai. Em tamanho, ele é menor que tudo, mas, em poder, ele excede tudo. Como o menor, ele está em tudo e, como o maior, ele está fora de tudo. Vê, eu estou contigo, tanto dentro como fora”.

Assim fica claro como é importante a visão correta de si mesmo, a auto-observação consciente em relação ao que nos inspira. Quem só consegue enxergar uma parte da verdade olha como que em um espelho embaçado. Ou – como já foi dito – vê apenas o “lado de baixo do tapete”. A consciência humana, por si mesma, na confusão desta vida, vê apenas o avesso do desenho de um tecido feito por dedos divinos num grande tear. A consciência imperfeita só reconhece os nós e fios do lado de baixo, ao passo que o luminoso lado de cima, por ora, continua invisível. E, no entanto, ambos coexistem.

## III

Consideremos mais uma vez a imagem da alma que – caso a luz tenha obtido acesso a ela – pode tornar-se una com a luz. O *Corpus Hermeticum* designa essa descida da luz como um vaso de mistura que é enviado para baixo. Com esse vaso é enviado um mensageiro para anunciar ao coração dos homens:

“Submergi neste vaso, ó almas que podeis fazê-lo; vós que credes e confiais que vos elevareis até Ele que fez descer este vaso.”

“Por que nem todos os homens recebem o Espírito?”, deseja saber Tat.

E assim continua Hermes: “Deus quis que a ligação com o Espírito fosse alcançada por todas as almas, mas como prêmio para a corrida”.

Com esse mensageiro e esse vaso para água e vinho, preenchido com as forças do Espírito, é descrita a ação da Fraternidade do Santo Graal. No átomo original está oculta a imagem do verdadeiro vir-a-ser humano. Os raios do Espírito Sétuplo que atuam sobre o santuário da cabeça criam ali Pimandro. Esses sete raios formam as linhas de força para o novo vir-a-ser humano, o manto ou o brilho da alma no espaço do mistério, do santuário do coração. Daí resulta um novo estado de consciência, um descobrir os mistérios, a Gnosis, o reconhecimento e a assimilação da luz no próprio ser. Como é possível corporificar e refletir essa luz para que, assim, ela possa ter acesso ao coração do homem? Ouçamos mais uma vez as palavras do *Tao Te King* a esse respeito. Vamos sentir o espaço que se mantém escondido por trás das palavras e em cuja porta se abre uma ampla fresta...: “Por essa razão o sábio abraça o Um e, desse modo, transforma-se num exemplo para o mundo. Ele não deseja irradiar luz, e justamente por isso é iluminado.” *Tao Te King*, vers. 22. O Evangelho de Felipe relata isso como segue no Mistério de Jesus:

*Jesus suportou tudo ocultamente,  
pois ele não se mostrava  
como realmente era,  
mas do modo como  
podia ser reconhecido.*

*Ele se mostrava a todos os seres.  
Para os grandes ele parecia grande,  
para os pequenos, pequeno.  
Para os anjos ele aparecia como anjo e,  
para os homens, como homem.  
Assim seu Verbo estava oculto para todos.  
Apenas uns poucos havia  
que o viam e apreendiam a ideia  
de que nele viam a si mesmos.*

*Quando, na montanha, se mostrou  
em sua magnificência aos discípulos,  
ele não era pequeno.  
Tornara-se grande e  
também fizera grandes os seus discípulos  
para que reconhecessem sua grandeza.*

Esse é o mistério, em que cada um só vê o que consegue perceber, mas, por fim, todos veem o Uno.” ☼

# peessoas de hoje



“O fato de vos sentirdes, desde vossa juventude, entusiasmados por uma religiosidade evidente, ou por uma forte tendência para uma vida cheia de humanismo, ou por uma tendência artística pela beleza, ou ainda pela sede de conhecimento, ou por alguns desses aspectos ao mesmo tempo, é altamente notável e constitui, poder-se-ia dizer, uma base para uma eventual experiência totalmente nova. É o toque da força da rosa, do reino de Deus em vós. Trata-se agora de tornardes essa base interior em virtude perfeita, em virtude libertadora.”

J. van Rijckenborgh,  
*A Gnosis Chinesa*, cap. 27-II

Durante a festa hindu chamada *Diwali* há muitas luzes. Elas simbolizam a purificação do coração e da casa das pessoas, ajudando a afastar e a manter o mal afastado.

## UMA METÁFORA DO ANTIGO EGITO



# a fraternidade da verdade

“Muitos historiadores da arte e cientistas voltaram sua atenção para o Egito antigo para estabelecer uma ligação com sua cultura. Então, concluíram que muitas vezes as descobertas das artes e das ciências não passam de redescobertas da sabedoria viva do antigo Egito. Com a religião acontece o mesmo: sem conhecer o culto egípcio antigo, não podemos compreender o surgimento, a propagação e o significado do cristianismo.”

Jan van Rijckenborgh

Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri muitas vezes compararam a Escola Espiritual com um aprisco das ovelhas ou então com um barco, uma arca celestial. A imagem do aprisco das ovelhas tem origem na parábola do bom pastor da Bíblia, na qual Jesus, o Senhor, traça uma profunda comparação entre os ladrões que entram sorrateiramente no aprisco das ovelhas e aquele que procura entrar com o “eu” natural no reino de Deus, no campo de vida serena e sublime do homem original. A comparação com o barco, a arca celestial, tem raízes – ou talvez devêssemos dizer “está ancorada” – em um tempo ainda mais remoto: na época dos faraós egípcios.

“O Egito, terra sagrada, era um único e grandioso mistério de iniciação”, nos ensina Catharose de Petri. Quem nascesse no Egito antigo, tendo observado durante toda a vida Maat – a força do equilíbrio, da justiça e da ação correta – podia ter certeza de que, quando fosse enterrado na margem ocidental, seria auxiliado em sua viagem na arca de Ísis rumo à vida eterna, para perto de Rá, em Amenti, porque Ísis, a deusa do amor, amava os homens e ressuscitara Osíris, que fora assassinado. Ela certamente se encarregaria de que o corpo do falecido fosse recomposto e que ele despertasse no campo de Amenti. Despertar? Recompor? Como assim? O Egito inteiro conhecia a lenda de Osíris, que fora assassinado e esquartejado por seu irmão Seth – um deus, uma força que pode ser comparada a Lúcifer. Seth invejava o poder de Osíris, que

governava “o Egito” – o que equivalia a dizer “o mundo inteiro” – durante os lendários anos áureos, numa era anterior à existência da morte, das enfermidades e demais misérias.

Nesse mundo, reinavam a harmonia, a prosperidade e a felicidade para todos. Seth, porém, achava que não havia desenvolvimento: faltava dinâmica, progresso, crescimento. Por isso, era preciso pôr fim à fraqueza de Osíris e Ísis. Então, empreendeu duas tentativas de matar Osíris. Na primeira, usou de uma artimanha; e, na segunda, foi movido simplesmente por um ódio cego.

O que Seth fez?

Durante uma festa em honra a Osíris, ele apareceu com um caixão muito bem trabalhado, feito exatamente na forma e no tamanho do corpo do irmão. “Esta bela caixa é para quem melhor couber nela” – estava escrito. Todos queriam deitar ali, mas quando foi a vez de Osíris, Seth fechou a tampa, trancou-a e jogou o caixão no Nilo.

O sarcófago foi levado pelas águas do rio. Mas a esperta Ísis, a cunhada de Seth, ficou sabendo do ocorrido e, segundo a lenda, encontrou Osíris “em algum lugar perto de Biblos”.

Seth não deixou por menos. Da próxima vez daria certo! Ele cortou o corpo de Osíris em catorze pedaços e atirou-os no Nilo, em diferentes lugares. E novamente foi Ísis que o salvou, juntando as partes do corpo. Em todos os lugares onde encontrou um pedaço, construiu um templo. Com a ajuda de Anúbis, ela envolveu as partes em panos, recompôs o

## No corpo vital ou *ka*, os mortos podiam entrar em contato com os deuses e oferecer-lhes sacrifícios. Neste caso, para Ísis e Hórus (que traz o disco solar na cabeça)

corpo e devolveu a vida a Osíris. Eis o mistério da morte e da ressurreição! Transfiguração! E, para participar desse grande mistério de superação da morte através da vida, os egípcios envolviam o corpo dos seus mortos em panos, para que eles despertassem novamente para a vida, assim como Osíris despertara pelo amor de Ísis!

**HAPI – O NILO** O rio Nilo, também chamado de *Iteru* ou *Hapi*, era, para os egípcios, ao mesmo tempo um símbolo e uma realidade. Ele determinava tudo o que estava relacionado à vida. Como transbordava todos os anos, deixando uma lama fértil nas margens, dizia-se na Antiguidade: “O Egito é uma dádiva do Nilo”. A vida desenrolava-se na margem leste do Nilo: ali se trabalhava e ali posteriormente foram construídos os templos para os deuses e os homens. Na margem ocidental, onde se dá o ocaso do sol, encontravam-se os túmulos, mausoléus e pirâmides, as “casas da eternidade”.

A tarefa de vida de todos os egípcios era recompor, reconstruir o corpo de Osíris mediante suas partes. Como? Suas mãos fariam trabalho honrado. Seus pés iriam mantê-los no caminho certo. Sua boca falaria a verdade, Maat. Seus olhos permitiriam que vissem em todas as coisas a luz de Ptah, o deus criador. Seus ouvidos permitiriam que percebessem a verdade ao falar e ouvir, bem como a sabedoria que pensa no silêncio. Por meio da respiração, eles poderiam aspirar aos perfumes da

vida original, e conectariam as batidas de seu coração com o coração do universo, que bate em todo ser humano e em cada vida na terra. Portanto, o ser humano era uma imagem do céu, a morada dos deuses, e o Egito era a imagem do universo. “Assim como é em cima, assim também é embaixo”.

E quando o coração, durante sua última viagem, fosse pesado no salão superior de Amenti e estivesse tão leve quanto a pluma de Maat, então Ísis poderia unir novamente as partes do corpo físico ao corpo etérico.

Os egípcios chamavam o corpo vital ou etérico de *ka*. Na Escola Espiritual também se fala de *ka* e, no vale do Ariège, em Ussat, uma das grutas de iniciação denomina-se *Ka*. Com esse corpo vital, o *ka*, o recém-chegado poderia trabalhar no reino celestial sob o eterno brilho solar de Rá, até seu corpo vital ficar tão puro e transparente que Ísis pudesse convidá-lo a seguir viagem, em sua arca, rumo a Amon-Rá, a consciência do Espírito eterno. Que filosofia fascinante! E o Egito estava repleto dessa simbologia!

**A FRATERNIDADE DA VERDADE** Esses símbolos eram protegidos e comunicados ao coração dos homens pelos verdadeiros sacerdotes de Hermes, a fraternidade de Maat, da verdade. Mas o Egito também era um país como o nosso, uma sociedade na qual Seth havia semeado as mesmas forças de inveja, cobiça e desejo cego de poder que encontramos em nossa sociedade.



Por esse motivo, foram confiados à Fraternidade da Verdade o significado e a manutenção do equilíbrio divino e, com isso, a ligação com o mundo divino. Hermes, que os egípcios chamavam de Thot, era seu símbolo. Quem encabeçava a fraternidade era o faraó, que além de governante secular era também o representante do reino da luz na terra. Por meio dele, que era, ao mesmo tempo, o “filho de Hórus” e o próprio Hórus (mas na terra), o Egito estava ligado ao reino celestial, o verdadeiro lar do homem.

**A PROTEÇÃO DO UNIVERSO** Sempre que possível e necessário, a Fraternidade da Verdade vigiava a construção para a eternidade, os ofícios e as artes, a escrita, as regras e a ordem. Porém, ela ainda tinha outra tarefa. A fim de que fosse mantida corretamente a ligação entre a supranatureza e a nossa natureza, a fraternidade também trabalhava na margem ocidental, que era a região reservada aos habitantes do céu, a área onde eram enterrados os mortos. Os egípcios tinham pouco interesse pela vida terrena, mas interessavam-se muito

pela vida após a morte. Suas moradas terrestres eram de barro; até mesmo seus palácios e mansões eram construídos tão somente de madeira e bambus. Seus túmulos, no entanto, que chamavam “casas da eternidade” eram feitos das pedras mais duras e caras. As pirâmides são de blocos de calcário e revestidas de mármore.

Os túmulos no Vale dos Reis foram esculpidos em duras rochas, e os egípcios realizavam esse trabalho durante todo o período de regência de um faraó. A partir do momento em que se iniciava seu governo na margem oriental, a Fraternidade da Verdade trabalhava, na margem ocidental... no seu túmulo! Será que devemos rir disso? Afinal, um morto está morto, não é mesmo? Então, para que lhe servirá um túmulo, por mais belo que seja? Mas no antigo Egito esse espaço não era uma tumba e sim um templo, um lugar de mudança, de transformação. Por isso, ele se chamava casa da eternidade; e também por isso a Fraternidade de Hermes, que representava a atividade da grande Fraternidade da Vida na terra, trabalhava nesse “templo” durante a vida do faraó.



**Na “Fraternidade da Verdade” se aprendia a trabalhar com as ferramentas dos construtores. O compasso traça a forma perfeita, o círculo. O esquadro representa a atitude de vida: correção e honestidade diante do homem e de Deus. E o fio de prumo simboliza a ação correta. À direita: trabalhadores constroem a casa da eternidade do faraó Seti I**

A casa da eternidade era a expressão, sob a forma de pedra, das leis que regiam a criação na terra. Enquanto o faraó respeitasse essas leis e esculpisse a matéria de acordo com elas, tanto o seu governo como o Egito poderiam ter a certeza de permanecerem unidos ao mundo original, unidos à era dourada de Osíris, que sempre está presente nesse templo.

Próximo ao Vale dos Reis, onde se encontram os sepulcros de mais de sessenta faraós, havia uma aldeia, um povoado de trabalhadores.

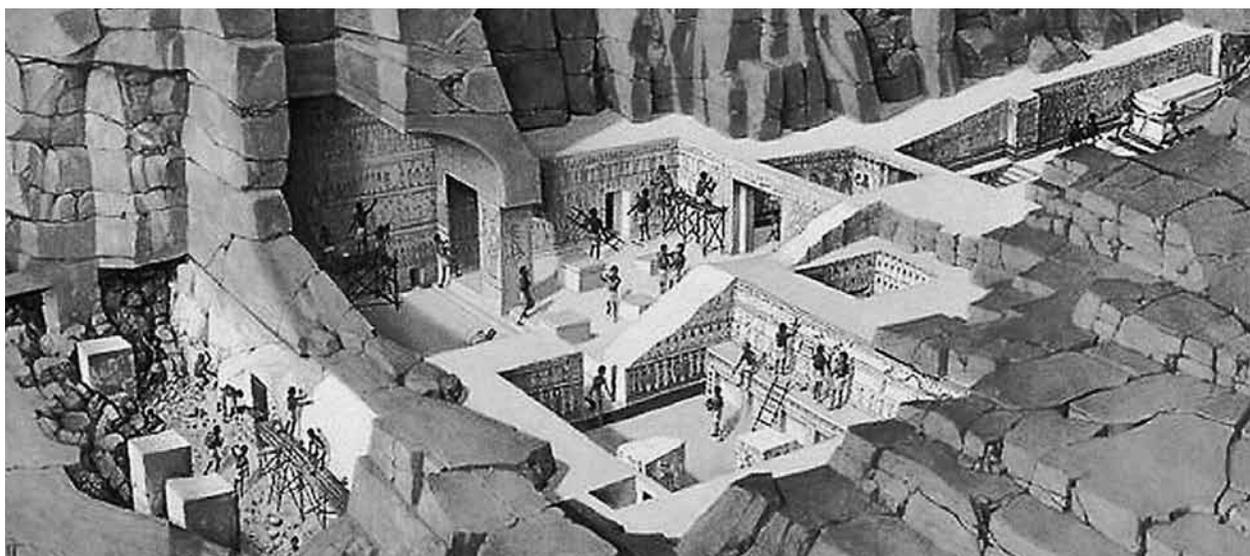
Ali viviam cientistas, arquitetos, sacerdotes, escribas, pintores e operários, completamente afastados do resto da sociedade. Nenhum deles jamais pisou na margem oriental e ninguém que viesse do mundo barulhento, na margem oriental, podia visitar essa comunidade apartada de dedicados obreiros. Era ali que a Fraternidade da Verdade operava. Ninguém de fora podia chegar até seu povoado, e, no entanto, ali não trabalhava ninguém que não tivesse buscado esse isolamento com grande alegria e de livre e espontânea vontade. Quem quisesse entrar e ser admitido precisava ter ouvido “o chamado”, precisava ter certeza de que queria consagrar a vida a Maat, à Fraternidade. Até mesmo os que haviam nascido na aldeia mudavam-se, em certo momento, para o mundo, e só regressavam depois de haver percebido interiormente esse chamado e ter certeza de que sua missão era cooperar com a Fraternidade!

Os arqueólogos modernos, com sua visão conservadora, afirmam que essa colônia ope-

rária era um campo no qual viviam escravos sob condições deploráveis, obrigados a fazer o pesado trabalho de construir e esculpir as tumbas subterrâneas.

Mas há pesquisadores progressistas com uma visão mais ampla, que sabem que nada disso é verdade: os trabalhadores precisavam estar em condição de expressar a mais sublime sabedoria, pois resguardavam os grandes segredos dos iniciados, os segredos que os sábios faraós consideravam seu maior tesouro. Um trabalho desse porte, que estava sob a supervisão do próprio faraó, jamais seria feito sob coação, porque havia o maior interesse de que o trabalho fosse realizado da forma mais harmoniosa e precisa possível. Somente os melhores especialistas eram admitidos, pois quem constrói a casa da eternidade é a própria divindade. E, na terra, é a Fraternidade que ajuda a realizar o trabalho.

Um jovem adulto que ouvisse “o chamado” podia ser admitido. Então, iniciava-se um período de aprendizado muito longo, pois não devemos pensar que um obreiro pudesse trabalhar imediatamente na casa da eternidade, onde *ka*, a alma vivente do faraó, iria morar! Moças e mulheres eram educadas para serem sacerdotisas de Háthor, a deusa da beleza, da fertilidade, da vida e da cura, que residia no céu estrelado. Elas estudavam as ervas e os remédios, a arte de curar, a “ciência das serpentes”, isto é, podiam reconhecer como e quando as pessoas haviam adoecido em consequência de uma atitude de vida incorreta.



Os jovens e garotos aprendiam seu ofício até a perfeição, e só então podiam pertencer a um grupo que participasse diretamente da obra. Esses grupos eram chamados de “barcos”.

Havia barcos para pedreiros e escultores em pedra, pintores, estucadores etc... Ao mesmo tempo, cada grupo constituía a tripulação de um barco. Vinte e oito pessoas integravam uma tripulação, catorze a estibordo e igual número a bombordo.

Catorze: aqui nos deparamos novamente com o número de Osíris! Em perfeita harmonia e sempre tendo em vista as proporções corretas, Maat renovava esses grupos, esses barcos, “a casa da eternidade” ou a arca celestial.

Durante milhares de anos, a mesma mensagem foi expressa, inúmeras vezes. Por isso, em todos os túmulos se encontram os mesmos textos e as mesmas ilustrações, para que os homens na terra não se esqueçam da linguagem celestial, dos sinais do céu e de sua ligação com os deuses!

Na Fraternidade, aprendia-se a trabalhar com as ferramentas dos construtores. No Museu de Luxor ainda podem ser vistos alguns instrumentos, tais como compassos, esquadros e fios de prumo. Ao contemplá-los, pensamos: “ferramentas normais”. Mas para os 28 membros da tripulação de um barco tratava-se de instrumentos sagrados.

O compasso traça a forma perfeita, o círculo. O esquadro representa a atitude de vida: correção e honestidade frente ao homem e a Deus. E o fio de prumo simboliza a ação

correta. Todo ato de um membro da tripulação deveria ser tão puro quanto o fio de prumo, porque o comportamento injusto jamais pode levar à medida correta ou à verdadeira grandeza. As ferramentas ajudam a determinar medidas adequadas, e nenhuma ferramenta se deixa influenciar de algum modo por motivações, estados de ânimo ou de humor momentâneos. Elas são sempre claras, estão em tranquilidade e equilíbrio e jamais se desviam de sua meta!

A casa da eternidade foi construída com esses instrumentos, sob um bom entendimento do que é cooperação, na época remota dos faraós. E ainda hoje é assim. Também em nossa Fraternidade, a Escola Espiritual, na arca celestial que se tornou real para nós, é preciso uma tripulação que sirva à Verdade, que conheça os instrumentos adequados e saiba empregá-los em correta orientação. Tivemos a oportunidade de contemplar de perto os construtores no exercício de sua atividade.

Também ouvimos “o chamado” e continuaremos a ouvi-lo de forma mais incisiva nos próximos tempos! Porque agora é a hora de realizar esse trabalho na própria vida.

Vamos juntar os membros, construir o corpo de Osíris, o corpo etérico que supera o tempo e a morte. Vamos participar do trabalho na atual casa da eternidade: a nossa querida Escola Espiritual! ✨

# o décimo terceiro

No pensamento gnóstico é dada muita atenção ao sentido oculto dos números. Do *dois* vem a nova forma, que é o Filho, ou o *três*. A alma atravessa as sete esferas planetárias para elevar-se à *oitava* e *nona* esferas, que são divinas. E, do *doze*, nasce o *décimo terceiro*.

**TREZE**  
É sexta-feira treze. No rádio ouvimos que, estatisticamente, acontecem menos acidentes do que nas outras sexta-feiras com as mesmas condições atmosféricas. Mas, por precaução, dirigimos mais cuidadosamente ou nem saímos de casa!

**DOZE**  
Com o número doze é totalmente diferente. Todas as sociedades e culturas o conhecem a fundo ao longo da História. No Olimpo grego havia doze deuses, conhecemos os doze trabalhos de Hércules, as doze tábuas da epopeia de Gilgamesch, existiam doze tribos em Israel, doze filhos de Jacó, as doze pedras preciosas dos sumo sacerdotes, Jesus tinha doze discípulos. No cristianismo ortodoxo conhecemos as doze noites sagradas, originárias do solstício de inverno dos povos germânicos, no qual o tempo parece parar até que seja festejado o nascimento de Cristo na décima terceira noite. O Apocalipse fala de uma cidade com doze portas e de uma árvore com doze frutos. Na tábua redonda do rei Artur se assentam doze cavaleiros. O júri tem doze jurados. Existem doze signos do zodiaco. Os contos tratam de doze príncipes, irmãos-corvos, fadas etc. Até no corpo humano existe o doze: os doze pares de nervos cranianos.

## OS NÚMEROS PRIMOS

Citamos do livreto *A rosa e a Cabala*<sup>1</sup>: “O doze é um assim chamado *número abundante*, pois ele





## Doze é a plenitude – tanto do positivo quanto do negativo. O treze liberta o doze de seu movimento circular e abre-lhe um espaço para um movimento em espiral para o alto

é divisível por 1, 2, 3, 4 e 6, e é menor que a soma de seus divisores. Números abundantes como ele são um fenômeno raro. O doze exprime uma plenitude: como se fosse uma cornucópia, ele abrange em si mesmo todas as possibilidades que existem. Ele é um todo tão integral que é um prelúdio para a completude, para a realização completa. Quando não surge uma situação nova, só pode acontecer a recaída no velho, no conhecido. Então, esse número nos questiona: ele é um chamado para a libertação, para fora do movimento circular do espaço-tempo. E o 13, que é um número primo (pois somente é divisível por si mesmo e por 1), carrega em si essa libertação e conduz o doze a uma nova realidade: à unificação do mundo com o superior. Por ser mais profundo, o número 13 já contém o 1 dentro de si mesmo. Então, ele liberta o doze de seu movimento circular e abre-lhe um espaço para um movimento em espiral para o alto.”

O doze manifesta as dimensões terrenas de tempo e espaço, onde a vida do homem acontece, onde ele passa por suas experiências, dentro das quais ele está preso. Doze é a plenitude – tanto do positivo quanto do negativo. A cabala judaica conhece a *shoshana*, a a rosa de treze pétalas, que consiste em seis pétalas vermelhas e seis brancas, posicionadas ao redor de uma décima terceira pétala, que é incolor.

Conforme está escrito no livro *A Fraternidade Mundial da Rosa-Cruz*, um texto de Rudolf Steiner nos diz que no século XIII, a Fraternidade da Rosa-Cruz foi formada por um colegiado

de doze homens que havia recebido a inteira sabedoria espiritual de todos os tempos. “Esses doze fizeram fluir sua sabedoria no décimo terceiro, que foi Cristão Rosa-Cruz.” Assim, essa nova alma despertou: nesse décimo terceiro, Cristão Rosa-Cruz, estava presente como um novo nascimento das doze sabedorias. Hermes Trismegisto observa que o homem natural, independentemente de seu comportamento normal, é dominado por doze vícios fundamentais: ignorância, dor, incontinência, desejo, injustiça, ganância, engano, inveja, astúcia, cólera, irreflexão, maldade.<sup>2</sup> Eles se formam com base nos doze elementos do zodíaco, nas doze forças fundamentais desta natureza. Essas forças fundamentais tornaram-se doze “éons”, como são chamados no evangelho *Pistis Sophia*. Daí podemos concluir que o homem não só está aprisionado no espaço e no tempo, mas também se encontra nas garras desses doze éons, sentindo uma dor imensurável. Basta olhar um pouco ao nosso redor! Mas como essas forças naturais viraram éons que dominam o homem? Como a própria humanidade construiu essa prisão e criou esses demônios?

Os éons são forças eletromagnéticas, e os arcontes são as concentrações desses princípios de força. Os éons são formados pela ação mental, pela criação de imagens-pensamentos. Imagens-pensamentos do mesmo tipo têm a característica de poder expandir-se infinitamente quando alimentadas por ações mentais parecidas. Assim são criados deuses naturais, forças naturais que dominam o homem completamente. A cabeça

reflete ininterruptamente sobre como realizar os desejos do coração.

Mas nem todas essas imaginações e desejos são do mesmo tipo e têm a mesma vibração. Por isso, os éons assim criados também não são iguais. Inúmeras nuvens de baixa vibração colocaram-se ao redor do mundo, formando camadas sucessivas, estando a de vibração mais elevada na camada mais exterior. Agora essa “esfera refletora” heterogênea está obrigando o homem a seguir seu destino. As forças e energias dessa esfera conseguem penetrar até mesmo no corpo físico dos seres humanos. Por isso, o aprisionamento da humanidade é praticamente total. O homem é vivido! Por essa razão, ninguém consegue sair dessa situação por suas próprias forças. Para tanto, é preciso um “décimo terceiro”! Esse “décimo terceiro” existe! Ele é o que a antiga Gnosis chamou de o “Décimo Terceiro Éon”, o campo de radiação de Cristo. É o campo de irradiação da natureza divina fundamental que só tem *uma* meta, a saber: transformar toda a criação ímpia, não espiritual, e elevá-la à santidade e integridade, para, desse modo, transformar o mundo da matéria, com seus dois pólos contrários, no mundo transparente da unidade. Em nosso tempo, a vibração da terra está aumentando, e cada um de nós já está reagindo ao toque da luz. O Décimo Terceiro Éon oferece a cada homem a possibilidade de penetrar num novo e mais elevado campo de vida.

#### A TRANSFORMAÇÃO

Mas como o homem pode despedir-se do velho (das doze forças que o dominam) e dirigir-se para o novo, para o Décimo Terceiro Éon? É claro que nenhum ser humano pode seguir esse caminho enquanto ainda se sentir satisfeito com o toque dos doze éons que regem sua vida cotidiana. É nesse ponto que se efetua a inversão do “sagrado décimo terceiro” para o “décimo terceiro que promete desgraça”. De

modo geral, o ser humano que não se interessa em aprofundar-se na grande questão de saber o porquê das coisas sente-se muito bem neste mundo. Ele realmente gostaria que tudo ficasse como está – mas sim, é claro que sem doenças e guerras. Nada no espaço-tempo e em si mesmo o perturba fundamentalmente. E quando, no conto *A Bela Adormecida* de Grimm, a décima terceira fada entra em cena sem ser convidada, ela profetiza que a princesa deverá espetar-se em um fuso quando tiver quinze anos, e cair morta. Esse é o símbolo da humanidade e de cada ser humano em quem a centelha divina ainda está adormecida. A décima terceira fada traz uma inquietação inoportuna! O treze é recebido como uma ameaça. Ele rompe a certeza do que é conhecido. É assim que o número treze sagrado, o número da nova dimensão, da espiral superior, torna-se o número da infelicidade. Não queremos isso... e saltamos o décimo terceiro andar! Mas quando estamos prontos, quando queremos livrar-nos da pressão do velho ser duodécuplo, quando, com cada fibra de nosso ser, ansiamos por um início novo em folha, baseado em um novo “décimo terceiro andar”, então tudo pode acontecer! Conseguimos romper o giro da vida e da morte, deixar o doze e subir na décima terceira espiral, a nova espiral da vida. Trata-se de um processo absolutamente autônomo, por mais que seja impossível realizá-lo sozinho.

Em primeiro lugar, reconhecemos como estamos sobrecarregados. Pelo menos em nossos sentimentos, nossa aura, nosso interior. Assim como a Pistis Sophia, atravessamos essa “neblina” com o auxílio de um grupo que está, como nós, ocupado em cavar um túnel através desse campo coletivo “nebuloso”, para chegar até a pureza resplandecente do campo de força de Cristo. O grupo é essencial. É um grupo de homens que estão buscando a luz, formando um novo “sistema duodécuplo” por meio do qual o décimo terceiro se manifesta. Esse é um

incrível milagre da magia gnóstica! É esse décimo terceiro que evocará dentro de outros seres humanos a “santa inquietação”, e então, o treze torna-se o número da mais elevada felicidade. Catharose de Petri descreve em seu prefácio de *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*:

“Como o homem pode viver em conformidade com o Décimo Terceiro Éon? O candidato aos mistérios gnósticos enfrenta treze momentos de transformação anímica, durante os quais ele precisa lutar até o fim para alcançar o verdadeiro renascimento da alma. Essas transformações da alma, por assim dizer, substancializam-se nos treze cânticos de arrependimento da Pistis Sophia:

No primeiro cântico, a Pistis Sophia descobre a dialética e o estado de condenação da humanidade. Ela entoa o *cântico da humanidade*.

No segundo cântico, a Pistis Sophia descobre sua própria condição natural. Ela entoa o *cântico da consciência*.

Nessa base, a Pistis Sophia entoa o *cântico da humildade* diante da única luz verdadeira.

Segue-se, então, o *cântico da demolição*: o eu é levado à sepultura.

O *cântico da rendição* é a fase seguinte: a Pistis Sophia faz a entrega total de si mesma.

Nessa base é entoado o *cântico da confiança*. Ela implora pela luz com fé absoluta.

No sétimo cântico de arrependimento, a Pistis Sophia entoa o *cântico da decisão*. É a ascensão ou a queda.

Em seguida começa a perseguição. Os éons da natureza atacam a Pistis Sophia de maneira

vigorosa, e ela entoa o *cântico da perseguição*. Depois de entoar o *cântico da ruptura*, a Pistis Sophia se livra de modo definitivo de seus perseguidores.

A seguir, a Pistis Sophia entoa o *cântico do atendimento da oração*. E, pela primeira vez, ela vê a Luz das Luzes.

A força da fé é submetida, então, a uma prova final. A Pistis Sophia entoa o *cântico da prova de fé*.

Em décimo segundo lugar, a Pistis Sophia vivencia a grande prova que podemos comparar à tentação no deserto. Ela entoa o *cântico da grande prova*.

Por fim, a Pistis Sophia canta o décimo terceiro cântico de arrependimento, o *cântico da vitória*: a alma eleva-se, reconhece o Espírito e vai ao seu encontro, ao seu Pimandro.

Com esse embasamento o leitor pode refletir um pouco sobre a sabedoria e a força divinas das quais os homens preparados devem participar. Sabedoria e força são os primeiros requisitos para seguir de fato o caminho da libertação da alma e conseguir levá-lo a um bom fim.”<sup>3</sup> ✪

#### Literatura:

1. Kleiberg, B. *A rosa e a Cabala*, Jarinu: Lectorium Rosicrucianum, 2012 (no prelo). v. 10. (Cristal)
2. Rijckenborgh, J. van. *A Arquignosis egípcia*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1991. t. 4.
3. Rijckenborgh, J. van. *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia*, 2. ed. Jarinu: Lectorium Rosicrucianum, 2012.

# peessoas de hoje



“Relembramo-vos que o tempo urge para uma mudança radical e muito profunda em vossa maneira de viver.”

“Os sistemas magnéticos estão perturbados [...] por isso as necessidades vitais dos homens são diferentes entre si e se contrapõem, e os homens se opõem uns aos outros numa hostilidade fundamental, biológica e, portanto, estrutural, suscitando resistências de modo involuntário. Mesmo que sejais modestos ao extremo e percorrais vosso caminho com a maior modéstia, não obstante, sois culpados de magia natural, porque sempre são criadas situações por meio das quais sois forçados a agir. Portanto, compreendi que o uso forçado ou concentrado da força astral, seja de que forma for, liga à terra e atua de maneira destruidora. É provável que sintais que não se pode falar de bondade em tal situação. O bem social e moral está sempre ligado ao mal. E como são justas as palavras de Cristo: Ninguém é bom, nem um sequer.”

Catharose de Petri,  
*O Verbo Vivente*, cap. 38

Esperança, dúvida, ameaça e poder – ou “os sistemas magnéticos” colidem durante os protestos pacíficos do Movimento *Occupy*. Wall Street 2012



# “o divino platão” como guia

Guiado pelas ideias de Platão, Marsílio Ficino considerava que o homem é capaz, por meio do desejo e da imaginação da alma (*imaginatio*), de ascender à divindade. No âmbito do pensamento neoplatônico, a imaginação atua como mediadora entre o material e o divino e é uma inspiração superior para a alma dedicada que se eleva acima das ideias dominantes, das crenças e atinge o êxtase.

De acordo com essa visão, a alma tem claramente dois lados: um lado liga-a ao ser humano, à matéria, na qual submerge; e o outro liga-a ao desenvolvimento divino.

Ficino, M. *Cartas*, parte III

**M**arsílio Ficino (1433-1499) foi considerado o divino tradutor, por suas traduções de Platão, Plotino e Hermes Trismegisto. Ele era a alma, o espelho, em um tempo de fortes mudanças dos conceitos, que hoje chamamos de Renascença Italiana. Foi um período em que o poder secular foi redistribuído, criando um afastamento entre o mundo cristão e o mundo árabe, culminando com a queda de Constantinopla (1453).

Poucos sabem que, nessa época, foram resgatados milhares de manuscritos gregos platônicos do período pré-cristão e também do pensamento cristão primitivo e hermético, e Ficino, de Florença, foi o tradutor dessas obras. Cosme de Medici ofereceu a Ficino o estudo da língua grega; então, ele começou traduzindo Platão, depois passou a Hermes Trismegisto, assim que Cosme teve em mãos o *Corpus Hermeticum*. O fluxo da sabedoria do mundo clássico antigo havia encontrado

um novo leito, um porto seguro, um novo centro espiritual.

A visão de mundo de Ficino e seu círculo, por ser muito inovadora, criou uma ruptura no mundo do pensamento cristão tradicional e abriu espaço para uma nova consciência religiosa. Sua academia, em Florença, também foi chamada de “academia da alma”.

Ela mostrava a própria consciência da alma no interior da personalidade humana, apontava para sua presença neste mundo e falava sobre a busca do significado e da origem da vida em sua plenitude. Sim: ela se posicionava em um contexto totalmente novo.

Sua academia chamava o ser humano para compreender a vida e o mundo em um contexto maior. Principalmente para entender o significado da misteriosa relação entre Deus, o cosmo e o homem. Essa era a conversa cotidiana de Ficino e seus amigos, incluindo escritores, escultores, pintores, filósofos

## RESENHA DE LIVRO: MARSÍLIO FICINO, A VIDA DE PLATÃO E OUTRAS CARTAS



e arquitetos. Além de ser amigo pessoal, ele era conselheiro desse grupo de cidadãos proeminentes e requintados, que estavam cientes de ser responsáveis por uma nova sociedade. Desse relacionamento, resultaram muitas cartas (em latim), que foram preservadas e traduzidas. A Rozekruis Pers, responsável pelas publicações na Holanda, acaba de publicar, em holandês, a terceira parte: *A vida de Platão e outras cartas*. Essas cartas possuem um valor atemporal, pois Ficino é conhecido como filósofo platônico, mago hermético, ministro sacerdotal, astrólogo inspirado, médico milagroso de almas. Em suma, podemos referir-nos a ele como líder de uma revolução no mundo espiritual.

**AMIGO DA JUVENTUDE** Ele fazia isso como uma missão, nada mais, nada menos. Como vivia o cristianismo puro, resgatava-o de um colapso, entrando em contato com a grande sabedoria dos gregos antigos e a sabedoria egípcia de Hermes. Além disso, ele era um amigo da juventude: com os jovens, desenvolveu seus novos métodos de ensino, que eram mais atraentes do que o sistema clássico, e que era utilizado em todas as escolas naquela época. Como não poderia ser de outra forma, Platão foi novamente seu guia. Também em termos sociais, ele significou muito. Amigo de pessoas excepcionais, era capaz de transpor abismos e sobrepor-se a qualquer mal entendido. Mas, acima de tudo, todos os seus contemporâneos se lem-

bram dele como um exemplo de alguém que encarnava a verdadeira dignidade humana e a difundia. Foi assim que ele pôde ter uma relação amigável com a sociedade europeia daquela época. Por essa razão sua academia florentina, procurada por milhares de pessoas que buscavam a cura interior, foi considerada “a farmácia da alma”, e podia ser consultada diariamente.

Seu coração era tão leve e profundo que, nele, um amigo ou inimigo poderia encontrar um lugar bem aconchegante. Marsílio Ficino não é apenas um modelo para o ser humano universal, o ser humano do século xv, mas também um exemplo vivo para a humanidade por ter mostrado

**Cosme de Médici doou a Ficino a Villa Careggi, em Florença, para aí estabelecer a sua Academia**



**Um músico. (provavelmente Marsílio Ficino quando jovem). Leonardo da Vinci, 1845. Óleo sobre madeira, National Gallery, Londres**



### CARTA III

**Desperdiça sua sabedoria quem, no que concerne a si mesmo, não age de maneira sábia.**

Marsílio Ficino ao filósofo moralista sem moral: cordiais saudações

Como é ridículo um alfaiate cujas roupas estão todas rasgadas!

Como é inútil um médico que está sempre doente!

Como é desesperador ver um músico cuja lira  
não está em harmonia com sua voz!

O mesmo acontece com um filósofo moralista sem moral.

Quem fala bonito, mas age mal, fala em vão,  
pois fala com as pessoas de coisas boas  
nas quais ele mesmo não acredita,  
ou pede aos deuses dons que  
nunca lhe serão dados.

um novo caminho para a sociedade. Era profundamente imbuído da força espiritual divina, que, como energia onipresente, vivificante, não tem limites de espaço ou tempo.

**SUA REDE DE AMIGOS** Em *A Vida de Platão e outras cartas* podemos ver tudo que Ficino assimilou de seu mestre Platão, e também como, aparentemente sem esforço, criou com facilidade uma aliança entre a sabedoria universal, a vida e seus amigos (muitas vezes problemáticos). Tal como citado

acima, esses amigos, essas personalidades, formavam uma grande e importante rede que auxiliou o florescimento das artes e ciências e o desenvolvimento humano universal, e ofereceu esperança e luz espiritual nos anos da Renascença. Os lemas com os quais ele intitulava suas cartas renderam uma bela coleção de aforismos. Esta *Terceira Parte das Cartas* termina com uma descrição da vida de Ficino realizada por seu contemporâneo Giovanni Corsi. Nela, demonstra-se claramente a grande obra de Ficino em favor da

## CARTA IV

**A cura para as doenças mundiais  
é a adoração a Deus, que está acima deste mundo.**

Marsílio Ficino a Bernardo Bembo de Veneza, valoroso cavaleiro.

Porque o Pai Celestial dos homens determinou que o céu é a nossa pátria, nunca podemos estar satisfeitos com o nosso destino enquanto permanecermos na terra, este lugar afastado de nossa pátria. Então, esse destino não é apenas para pessoas normais, mas sem exceção, para toda a criação. Em nenhum outro lugar se encontra um local tranquilo senão na própria fonte; e a busca pela paz termina onde tudo teve início. Assim, caem água e terra nas profundezas, fogo e ar procuram as alturas, toupeiras e similares se enfiam nas entranhas da terra, a maioria das outras criaturas caminha na superfície da terra, e os peixes, que nasceram no mar, nele nadam. Assim, por um impulso natural comum, a alma do homem procura constantemente o céu, onde foi criada, e também o rei do céu, que lá se encontra. Mas, como a aspiração natural por Deus, que ele inseriu em nós, não pode permanecer sem realização (afinal, a Razão Suprema, que nada faz em vão, não a teria oferecido em vão) deduz-se que a alma humana é eterna, a fim de que, um dia, possa alcançar o bem eterno e divino pelo qual sua natureza essencial suspira.



Pelo que já dissemos, segue-se que a alma nunca poderá ser saciada pelo alimento terrestre. Mesmo que nos empanturrássemos de coisas terrenas, não poderíamos desfrutar do alimento celeste. É por isso que nos esforçamos, nesta vida, com todas as nossas forças, por ligar-nos ao rei do céu. Porque, quanto menos formos contaminados pelas amargas experiências terrestres, e quanto mais formos refrigerados pela maravilhosa água celeste, mais intensamente seremos atraídos para a fonte da glória, acima do paraíso celeste.

Quanto mais próximos estivermos do senhor do mundo celeste, que é Cristo, mais longe estaremos da escravidão do mundo. Assim como, em nossa pátria, nele encontramos amparo mediante contemplação e manifestações de júbilo, também encontramos amparo agora, afastados que estamos dessa pátria, em o amando e adorando com devoção.

Essa é a razão pela qual não encontramos remédio que possa combater todas as doenças terrestres, a não ser o amor divino e a adoração. Isso é a pura verdade! Porque qualquer que seja a doença, se o remédio não consegue curar, ele se torna uma substância maligna e se transforma numa substância que traz desordem ao corpo, diminui a energia e aumenta o peso da doença. Todas as doenças e distúrbios do corpo são tratados com remédios deste mundo, faz-se sem dúvida o melhor, mas o esforço será em vão.

Acredite em mim, é necessário um remédio superior, um remédio espiritual, completamente estranho ao nosso mundo, para conseguir exorcizar as doenças do corpo e do mundo. Se nossa condição fosse de apenas simples doenças, qualquer médico seria bom. Mas, como nossa calamidade consiste em tudo o que constitui o mal, seu antídoto está em tudo o que constitui o bem.

Nossa doença é um desejo insaciável e uma constante inquietude.

Nosso médico é, portanto, a paz incomensurável e eterna.

Se alguém negar que o verdadeiro remédio é a adora-

ção a Deus, então não há cura para sua doença,

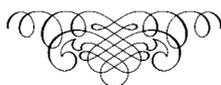
e toda e qualquer esperança por saúde

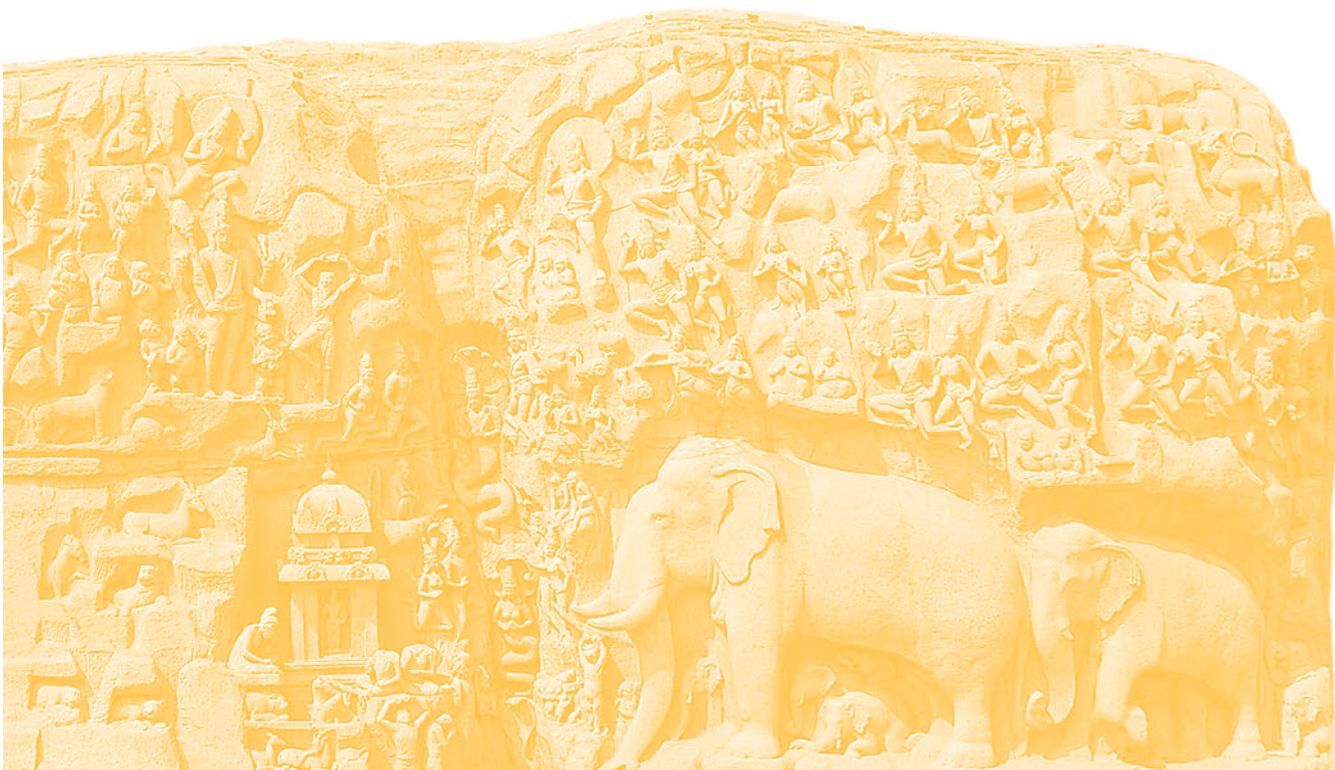
se esvai. Mas, em verdade,

se alguém crer no

divino remédio,

ficará são..”





**The 'Descent of the Ganges' or 'Arjuna's Penance', portrayed in stone in the 7th and 8th centuries at the Pallava World Heritage site in the Tamil Nadu state, India.**

Porque o Pai Celestial dos homens determinou que o céu é a nossa pátria, nunca podemos estar satisfeitos com o nosso destino enquanto permanecermos na terra, um lugar longe da nossa pátria. (...) Acredite em mim: é necessário um remédio superior, um remédio espiritual, completamente estranho ao nosso mundo, para conseguir exorcizar as doenças do corpo e do mundo. Se nossa condição fosse de apenas simples doenças, qualquer médico seria bom. Mas, como nossa calamidade consiste em tudo o que constitui o mal, seu antídoto está em tudo o que constitui o bem. Nossa doença é um desejo insaciável e uma constante inquietude.

Nosso médico é, portanto, a paz incomensurável e eterna.

Marsílio Ficino



ISSN 1677-2253



R\$ 16,00

9 771677 225003